



sala preta
ppgac

O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS DA UFG: formação de artistas e debate sobre Performances Negras

THE GRADUATE PROGRAM IN CULTURAL PERFORMANCES AT UFG: artist training and the debate on Black Performances

EL PROGRAMA DE POSGRADO EN PERFORMANCES CULTURALES DE LA UFG: formación de artistas y debate sobre Performances Negras

Renata Kabilaewatala

Docente da Universidade Federal de Goiás. Doutora e Mestre em Artes pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Graduada em Dança, também pela Unicamp. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – PQ 2/CNPq. Diretora artística do Núcleo Coletivo 22. Pesquisadora das *performances* negras e das poéticas afro-ameríndias. E-mail: renatazabele@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7551-1468>.

Luciene de Oliveira Dias

Docente da Universidade Federal de Goiás. Doutora em Antropologia pela Universidade de Brasília. Coordenadora do Pindoba – Grupo de Pesquisa em Narrativas da Diferença. Pesquisadora das construções de gênero e do antirracismo em *Abya Yala*. E-mail: luciene_dias@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7593-4540>.

Warla Giany de Paiva

Artista e professora de dança da Rede Estadual de Goiás, atuando no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte/Ipeartes desde 2006. É mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Participa do Nupicc – UFG. É componente do Núcleo Coletivo 22 e colaboradora do Maskara Núcleo Transdisciplinar de Pesquisa em Teatro. E-mail: espiraisdaconsciencia@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6141-1378>.

Resumo:

O Programa de Pós-graduação em Performances Culturais da UFG foi criado em 2012, na área interdisciplinar da CAPES, na EMAC, como alternativa de formação para profissionais das artes em Goiânia. Foi transferido para a Faculdade de Ciências Sociais e, em 2025, para o Media Lab/UFG, quando passou a se chamar Programa de Pós-graduação em Artes, Culturas e Tecnologias. Apesar das mudanças institucionais, nota-se a sua vocação interdisciplinar e o fato de contribuir para a formação de múltiplos artistas. O artigo destaca a atuação de pesquisadoras negras e a produção de estudos que articulam Performances Culturais e identidade negra, apresentando revisão bibliográfica e um panorama sobre a constituição, transformações e permanência do Programa frente à noção de Performances Negras.

Palavras-chaves: Pós-graduação, Formação em arte, Performances negras.

Abstract:

The Graduate Program in Cultural Performances at UFG was created in 2012 within the interdisciplinary area of CAPES, at EMAC, as an alternative training option for arts professionals in Goiânia. It was transferred to the Faculty of Social Sciences and, in 2025, to the Media Lab/UFG, when it became known as the Graduate Program in Arts, Cultures and Technologies. Despite the institutional changes, its interdisciplinary vocation and its contribution to the training of diverse artists are evident. This article highlights the work of Black female researchers and the production of studies that articulate Cultural Performances and Black identity, presenting a literature review and an overview of the constitution, transformations, and permanence of the Program in relation to the notion of Black Performances.

Keywords: Graduate studies, Art education, Black performances.

Resumen:

El Programa de Posgrado en Artes, Culturas y Tecnologías de la UFG se creó en 2012 en el área interdisciplinaria de CAPES, en la EMAC, como una opción de formación alternativa para profesionales de las artes en Goiânia. Se transfirió a la Facultad de Ciencias Sociales y, en 2025, al Media Lab/UFG, cuando pasó a denominarse Programa de Posgrado en Artes, Culturas y Tecnologías. A pesar de los cambios institucionales, su vocación interdisciplinaria y su contribución a la formación de artistas diversos son evidentes. Este artículo destaca el trabajo de investigadoras negras y la producción de estudios que articulan las Artes, la Cultura y la identidad negra, presentando una revisión bibliográfica y un panorama general de la constitución, las transformaciones y la permanencia del Programa en relación con la noción de Artes Negras.

Palabras clave: Posgrado, Formación artística, Performances negras.

Introdução

A designação Performances Culturais foi estudada pela primeira vez no século XX, em 1955, pelo antropólogo, filósofo e psicólogo polonês naturalizado estadunidense Milton Borah Singer (1912–1994). Nesse primeiro momento, já é possível perceber os diversos horizontes epistêmicos que ancoravam o caminho. De formação multidisciplinar, Milton Singer não fez seus estudos sozinho; ele contou com a colaboração do sociólogo, comunicador e etnolinguista Robert Redfield (1897–1958), ambos da Universidade de Chicago. Estudos sedimentados distantes da realidade brasileira e das investigações latino-americanas.

Naquele momento inicial, as Performances Culturais miraram o que então era compreendido como pequenas tradições culturais, sendo que, desde então, a preocupação teórico-metodológica estava direcionada às formas não hegemônicas de cultura. A centralidade nas experiências cotidianas, localizadas e específicas provocava, no sentido de criação, um método capaz de alcançar a concretude da vida e, conseqüentemente, sua complexidade.

Sistematizar esforços de teorização para as Performances Culturais é contribuir para que esse campo do conhecimento se consolide enquanto saber. Tal empenho é coerente com a perspectiva de que Performances Culturais são um conceito que só cabe ser trabalhado no plural. Com sustentação em uma proposta metodológica interdisciplinar e de estudos comparados entre as múltiplas concretudes da vida e da produção do conhecimento, a pluralidade torna-se um imperativo e provoca aproximações interessantes com um conhecimento situado.

As sociedades são atravessadas por múltiplos fenômenos culturais que se inscrevem na vida cotidiana, no tempo e no espaço. Nessa perspectiva, Leda Maria Martins (2021) contribui para pensarmos as próprias Performances Culturais ao afirmar que o gesto constitui uma afirmação definitiva da vida e é nele que se delineiam as formas de criação e de fazer artístico. Assim, analisar os gestos a partir de uma mirada interdisciplinar configura-se como o principal propósito deste trabalho.

Martins (2021) nos ensina, a partir de seus estudos no âmbito do que categoriza como oralituras, que o gesto não pode ser resumido a uma mera representação mimética de um aparato simbólico que é veiculado pela performance. Ainda no exercício de pensar o gesto, ela acrescenta que este não é apenas narrativo ou descritivo. Performativo é o que fundamenta o gesto. Para ela, o gesto é fundamentalmente performativo, chegando a defini-lo como **poiesis** do movimento. O gesto seria, então, a forma mínima que pode suscitar os sentidos plenos.

Definir as Performances Culturais como gesto é reconhecer que é por meio dele que se esculpem no espaço — nos termos de Martins (2021) — as próprias feições da memória. Foi também por meio de um gesto, enraizado na profundi-

dade do Cerrado goiano, que se constituiu o então Programa de Pós-graduação em Performances Culturais (PPGPC), o qual, em 2024, passou a ser denominado Programa de Pós-graduação em Artes, Culturas e Tecnologias (PPGACT), ao deixar a Faculdade de Ciências Sociais e vincular-se ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa, Ensino e Extensão Media Lab.

Apesar da mudança de nome, neste artigo, optamos por referir-nos majoritariamente ao PPGPC, com o objetivo de não permitir que sua existência se apague no debate sobre a constituição da Performance como área no Brasil. Compreendemos que a mudança de nomenclatura traz consigo implicações curriculares e conceituais significativas e, sobretudo, afirmamos que tanto as autoras quanto os trabalhos aqui analisados se vincularam ao Programa, inicialmente, em razão de seu alinhamento com o campo das Performances Culturais.

Os estudos das performances, que emergem do diálogo entre o antropólogo Victor Turner e o teatrólogo Richard Schechner, conforme aponta Dawsey (2011), despertam um crescente interesse pelo debate em torno dos rituais, da vida e das artes. A partir dessas noções, o campo das Performances Culturais no Brasil consolidou-se como perspectiva teórica e metodológica, dando origem ao PPGPC da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia. Criado em 2012, na Escola de Música e Artes Cênicas da UFG, o Programa configurou-se como uma alternativa de formação *stricto sensu* para profissionais das artes e, como buscamos demonstrar, como um espaço profícuo para o debate acerca das Performances Negras.

Em sua vertente “dramatúrgica”, é de particular interesse para o campo da antropologia a parceria formada por Schechner e Turner. Conforme uma história recorrente, nos anos de 1970, o diretor de teatro experimental Richard Schechner faz a sua aprendizagem na antropologia com Victor Turner, ao mesmo tempo em que Turner, em sua relação com Schechner, torna-se aprendiz de teatro. Desse contato surge um novo campo de estudos, entre teatro e antropologia. Dois livros marcam o seu momento originário: *From ritual to theatre: the human seriousness of play*, de Victor Turner (1982); e *Between theater and anthropology*, de Richard Schechner (1985). O ensaio “Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral”, traduzido a seguir, é, como dito acima, o primeiro capítulo do livro de Schechner, e aponta para uma série de questões que se desdobram ao longo do livro (Dawsey, 2011, p. 207).

A partir de tais noções com forte ancoragem na Antropologia, o campo das Performances Culturais no Brasil — como perspectiva teórica e metodológica — dá origem ao PPGPC/UFG, em Goiânia.

As Performances Culturais constituem-se como campo de conhecimento científico e artístico, interdisciplinar e multidisciplinar que visam à compreensão, por meio de diferentes abordagens, da diversidade expressiva humana – rituais, festas, teatro, espetáculos musicais, danças, jogos e outras manifestações públicas e privadas de quaisquer natureza, numa visão transcultural, transversal e transdisciplinar, compreendendo as análises sócio-antropológicas, estéticas, históricas e simbólicas que se utilizam dos estudos culturais¹ (UFG, 2025, [n. p.]).

Em 2011, ainda não havia, no estado de Goiás, programas de pós-graduação em artes da cena que contemplassem pesquisas nas áreas da dança e do teatro. O curso de Licenciatura em Dança da UFG encontrava-se em seu segundo ano de funcionamento e, naquele mesmo período, o PPGPC — então Mestrado Interdisciplinar em Performances Culturais — divulgou a abertura do Programa, prevendo sua primeira seleção de estudantes para 2012. Essa ação preliminar marca o início da organização de encontros preparatórios para a seleção, sendo o primeiro realizado por/com docentes de dança e teatro da rede estadual de Goiás e aberto ao público em geral. O intuito era contribuir com a sistematização dos pré-projetos de pesquisa dos/as arte-educadores/as à luz dos conceitos e perspectivas metodológicas do campo das Performances Culturais; nesse intuito, criou-se o Grupo de Estudo e Pesquisa em Performances Culturais e Artísticas (GEPPCA) no Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte (Seduc GO).

O Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte é um espaço criado a partir da Lei 15.255/2005, para o desenvolvimento de ações formativas, investigativas e artísticas em arte. Está vinculado à Secretaria de Estado da Educação de Goiás (Seduc GO). No entanto, ao longo de sua história, o Ciranda da Arte tem demonstrado ser um espaço político, ético, estético, filosófico e artístico de significativa contribuição para a arte e o ensino de arte em Goiás, quiçá no Brasil (Strazzacappa, 2014).

O Ciranda da Arte é formado por profissionais das artes visuais, da dança, do teatro, da música e também de outras áreas do conhecimento, como letras, sociologia e jornalismo. Essa diversidade de saberes, valores e crenças dá corpo a um coletivo comprometido em amparar e ampliar os espaços e tempos de acesso aos conhecimentos artísticos — para professoras e professores, estudantes e a comunidade escolar, bem como para além dela — de forma contínua, ao longo dos últimos 20 anos.

O GEPPCA foi criado como uma das ações do Ciranda da Arte e constituiu-se como uma rede formada por docentes de diversas especialidades. O Grupo estabeleceu parcerias, debates e orientações fundamentadas em artigos

1 Texto de apresentação do PPGACT conforme página oficial alocada em: <https://ppgipc.fcs.ufg.br/p/24570-apresentacao-do-programa>. Acesso em: 1 jul. 2025.

e livros de pes-quisadores como Van Gennep, Victor Turner e Richard Schechner, além de autores brasileiros pioneiros nos estudos das Performances Culturais, entre eles: João Ga-briel Teixeira, da UnB, responsável pela criação do Núcleo Transdisciplinar de Estu-dos sobre Performance (Transe); John Dawsey, da USP, fundador, juntamente com Robson Corrêa Camargo, do Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama (Napedra); e Zeca Ligiéro, da UniRio, coordenador e fundador do Núcleo de Estudos das Performances Afro-Ameríndias (NEPAA).

Para que fossem estabelecidos diálogos entre as professoras e profes-sores participantes do GEPPCA e docentes representantes das universidades, foram con-vidados Robson Corrêa de Camargo, Sebastião Rios e Heloísa Selma Fernandes Capel, da UFG; João Gabriel Teixeira, da UnB; e Eduardo Reinato, da PUC-GO. Tal convite teve como objetivo aproximar as pessoas que faziam parte do grupo às pes-quisas desenvolvidas pelas/os professoras/es da Rede Goiana de Pesquisa em Per-formances Culturais: Memórias e Representações da Cultura em Goiás, da Funda-ção de Pesquisa de Goiás (2006); com isso, buscou-se ampliar a compreensão des-ta área ou campo interdisciplinar.

Também **serpenteando**, o Programa se mostrou abrangente em seu cam-po de atuação e bastante acolhedor de pesquisas que valorizavam a diversidade cultural. Ao longo dos encontros do GEPPCA e, para além dele, de tempos em tempos, pessoas foram se aproximando. Das que permaneceram e prestaram seleção em 2012, praticamente todas ingressaram no Programa. Assim, o Grupo mobilizou a rede pública de educação e serviu de amparo direto às/aos arte-e-ducadoras/es da primeira turma e de amparo indireto para muitas(os) outras(os) arte-educadoras(es) que adentraram o Programa posteriormente.

Como uma pedra lançada nas águas frias dos rios de Goiás, a criação do GEPPCA ressoou suas ondas também na criação de um artigo que nasceu a partir da escrita do relatório do curso e das experiências vividas. O mesmo foi apresentado no Congresso Nacional de Arte Educadores do Brasil (CONFAEB), em São Paulo, de 29 de outubro a 2 de novembro de 2012. Outro resultado que se encontra em processo é a organização do livro *Arte e Performances Culturais: Práticas Pedagógicas*, um espaço criado para que professoras/es-artistas e pes-quisadores/as da área de arte, das redes públicas do município de Goiânia e do estado de Goiás, e de outros espaços como o Circo Lahetô e o terno de congo Verde e Preto, da Vila João Vaz – Goiânia/GO, apresentassem seus relatos de experiência ou artigos de pesquisa de práticas pedagógicas.

O GEPPCA, o Ciranda da Arte e o Programa propiciaram trânsitos signifi-cativos de profissionais. Muitas pessoas da rede estadual, ao concluírem a pós-graduação, tiveram a oportunidade de migrar para a rede federal, tanto no ensino técnico quanto no superior, contribuindo de forma relevante para a consolidação e ampliação da área de arte no estado de Goiás e no Brasil. Desde o início, des-tacaram-se projetos de pesquisa com foco nas que reafirmam a centralidade das epistemologias negras e afrodiaspóricas na constituição do campo.

O Programa também doutorou docentes que já atuavam na formação docente, seja na própria UFG ou nos Institutos Federais. No caso específico da UFG, dois casos na Escola de Música e Artes Cênicas são emblemáticos. A professora Joana Abreu, que se engajou em investigar os saberes e fazeres tradicionais nos processos de formação de artistas-docentes nas artes da cena, oferecendo uma importante contribuição para o debate sobre poéticas populares, metodologia de ensino e formação docente.

Já a licenciada em Teatro e ex-professora da rede estadual, Karine Ramal-des Vieira, concluiu o mestrado e doutorado no Programa, dedicando-se ao estudo dos Jogos Teatrais. Em sua dissertação, defendida em 2015, a pesquisadora focalizou o conceito de experiência em suas várias formulações, buscando estabelecer diálogos com a prática dos jogos teatrais, no panorama da pedagogia do teatro. Já em seu doutorado, aprofunda-se na presença do pensamento filosófico de John Dewey (1859-1952) na sistematização dos jogos teatrais propostos por Viola Spolin (1906-1994). Atualmente, Karine dedica-se à pesquisa de um teatro antirracista.

Se, por um lado, a presença e pesquisa de Joana Abreu deixam marcas explícitas no projeto pedagógico do curso de Teatro, por meio da concepção e implantação da disciplina de Manifestações Dramáticas Populares, que inevitavelmente traz para o debate performances afro-ameríndias; por outro, a presença negra de Karine Ramal-des não é algo que possa passar despercebido, frente ao ainda baixo número de docentes negros e negras em universidades públicas brasileiras.

Além de atuar de forma efetiva na qualificação de artistas e arte-educadoras/es da cena goiana, o PPGPC foi tensionado pela realidade e pelas demandas do contexto a acolher pesquisas voltadas às Performances Negras, constituindo-se, assim, como um espaço possível para o desenvolvimento dessas investigações. Reivindicar o marcador étnico-racial como perspectiva no debate sobre performance significa reconhecer a importância de que pessoas negras produzam pesquisas a partir de seus pertencimentos, ou mesmo de seus desejos, pois “a condição do Ser é primordial à manifestação do Saber” (Rufino, 2019, p. 9).

Conclamar as Performances Negras para as pesquisas em Performances Culturais é reconhecer que o racismo, como força sistêmica, atua nos modos de produzir e legitimar o conhecimento. A performance negra implica avançar e se posicionar ao lado de Frantz Fanon, Victoria Santa Cruz, bell hooks, Nêgo Bispo, Leda Maria Martins, do candomblé, da capoeira, do babalorixá Joãozinho da Gomeia, de Ismael Ivo, de Mercedes Baptista, de James Baldwin, entre outros.

Ao considerar alguns trabalhos já realizados, ou em desenvolvimento no PPGACT, por artistas negras/negros, sobre Performances Negras, podemos afirmar que o PPGPC, com essa denominação, exerceu papel fundamental para a qualificação de profissionais da arte. No âmbito deste artigo, objetivamos trazer à tona trabalhos que ilustram a produção de artistas negras e negros no âmbito

do Programa. Todavia, não é nossa intenção abordar a totalidade dos projetos de pesquisa desenvolvidos nesse contexto. Por isso, adotamos como critério a seleção de seis trabalhos que acompanhamos mais de perto, seja na condição de orientadoras(es) ou docentes, todos realizados por pessoas autodeclaradas negras e que abordam questões relacionadas à cultura e à identidade negras a partir da perspectiva das Performances Culturais.

Diante disso, é importante frisar que o objetivo deste artigo não é analisar ou problematizar a mudança do nome do Programa de Performances Culturais para Artes, Culturas e Tecnologias, e sim afirmar que, historicamente, o Programa criado em 2012 acolheu e tem acolhido de maneira decisiva a produção intelectual, artística e política de pesquisadoras e pesquisadores negras(os), constituindo-se como um espaço de legitimação, experimentação e fortalecimento das epistemologias da performance negra no Brasil. É nesse horizonte que situamos nossa reflexão, tomando os trabalhos selecionados como expressão significativa do impacto formativo, acadêmico e cultural que o Programa, independente do nome que tenha adotado, tem exercido ao longo de sua trajetória.

O enegrecer do PPGPC

A dissertação de mestrado *Memória, corpo e performances: a Dança Negra* de Mercedes Baptista, desenvolvida pela arte-educadora, pesquisadora e artista, também professora da rede estadual, Dayana Gomes Pereira, no ano de 2016, discute o corpo e a dança negra a partir da trajetória da bailarina Mercedes Baptista (1921–2014). A partir da compreensão da performance como ato vívido de experiência (Camargo, 2014), a autora compreende a própria trajetória e a trajetória de Mercedes Baptista como possibilidades de produção de conhecimento sobre a dança negra.

Ciente da maneira como o racismo pode produzir invisibilidades acerca da atuação profissional de pessoas negras, Pereira (2016) se engaja em colocar foco na história e contribuição de Mercedes Baptista para o que podemos chamar de Dança Negra. Mercedes Ignácia da Silva Krieger nasceu em Campos de Goytacazes (RJ), em 1921, mas cresceu na capital carioca. Foi aluna de grandes nomes da dança, como Eros Volúcia, Yuco Lindeberg, Vaslav Veltchek e Nina Verchinina. Teve importante contato com Abdias Nascimento, criador do Teatro Experimental do Negro, tendo acompanhado esse movimento.

Ao investigar a trajetória e legado de Mercedes Baptista, Pereira (2016) chama a atenção para a historicidade da Dança Negra, problematizando o racismo e, na qualidade de professora de Dança, chama atenção para a importância da dança no contexto da educação, para que esta esteja atenta às trajetórias e corpos negros. No momento de elaboração do presente artigo, Dayana Gomes Pereira é doutoranda do Programa e desenvolve pesquisa sobre mulheres negras na dança,

investigando a trajetória de Gal Martins (SP), Luciana Caetano (GO) e Talyene Melônio (MA).

Em seu atual trabalho de doutoramento, Dayana convoca a ideia de Ancestrais do Futuro para escutar as sementes e refletir sobre a contribuição de mulheres negras para a Dança. A partir da percepção de que as referências de bailarinas negras nas historiografias da dança são escassas, a pesquisadora intenta, no reconhecimento da trajetória e produção artística das interlocutoras, ressaltar a importância do registro e documentação das oralidades, saberes e performatividades como forma de ampliar as percepções sobre dança e disputar imaginários no campo da arte.

Também interessada na história e legado de artistas negras, Rafaela Francisco de Jesus desenvolveu pesquisa de mestrado sobre a já citada Victoria Santa Cruz. O trabalho intitulado *A Performance negra de Victoria Santa Cruz e suas reverberações na construção de escritivências e feminismos negros* (2020), revela além do interesse biográfico: a utilização de cartas para uma escrita performativa como formato e metodologia da pesquisa.

Por meio de cartas endereçadas a mulheres negras, além de apresentar Victoria Santa Cruz, Rafaela traz à baila uma perspectiva feminista negra, tangenciada pela escritivência da escritora brasileira Conceição Evaristo. Da mesma forma, convoca autoras do feminismo negro, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Kimberlé Crenshaw, Patrícia Hill Collins, Angela Davis e Djamila Ribeiro, para uma performance em articulação com gênero e raça.

Em diálogo com sua própria mãe e orientadora, intelectuais como Djamila Ribeiro e Conceição Evaristo, entre outras, Rafaela apresenta o trabalho e a trajetória de Victoria Santa Cruz e tece uma reflexão sobre racismo, mulheres negras e performance negra. Recentemente, em 2025, Rafaela concluiu sua tese de doutorado no mesmo Programa, intitulada *Poéticas transatlânticas: devires entre a performance negra e a estética da deficiência*, na qual propõe uma fricção entre estudos sobre performance negra e o debate sobre a produção artística de pessoas com deficiência.

Nos casos de Dayana Gomes e Rafaela Francisco, observamos duas artistas e educadoras da dança qualificando-se por meio da pesquisa em Performances Culturais, em discussões que acolhem seus pertencimentos identitários e contribuem para o desenvolvimento do campo artístico. Suas atuações provocam o questionamento das invisibilidades geradas pelo racismo e possibilitam a construção de narrativas de mulheres negras na dança, cujas trajetórias e produções artísticas oferecem elementos para refletir sobre a pluralidade das Performances Negras.

Também graduada em Dança pela UFG, como Rafaela Francisco, Juliana Jardel — mulher preta de pele retinta — defendeu, em 2021, a dissertação *A dança negra de Ismael Ivo: a antropofagia de si como recurso para fazer dança como arte*. Nela, a pesquisadora investigou a trajetória de Ismael Ivo, um dos mais importan-

tes coreógrafos e bailarinos brasileiros, reconhecido tanto nacional quanto internacionalmente por suas contribuições à dança contemporânea e por sua atuação em prol da identidade e da cultura negras.

Ismael Ivo nasceu em São Paulo, em 1955, e, desde cedo, envolveu-se com a dança, participando de grupos e cursos que lhe proporcionaram formação sólida. Em 1983, durante uma apresentação na Bahia, entrou em contato com Alvin Ailey, que o incentivou a expandir sua carreira internacionalmente. Ao longo de sua trajetória, trabalhou com nomes como Pina Bausch e William Forsythe, fundou e dirigiu importantes festivais de dança na Europa e foi o primeiro negro e estrangeiro a liderar o Teatro Nacional Alemão, em Weimar. Após 33 anos vivendo fora do Brasil, retornou em 2017 para assumir a direção do Balé da Cidade de São Paulo, sendo também curador de programas de qualificação em artes da dança.

Na análise de Juliana Jardel, destaca-se como Ivo empregou a antropofagia simbólica — conceito inspirado no modernismo brasileiro — para construir e afirmar sua identidade negra por meio da dança. Ismael Ivo faleceu em 17 de abril de 2023, aos 67 anos, em decorrência de complicações da covid-19. Sua partida representou uma perda significativa para a dança brasileira e internacional, sendo amplamente lamentada por artistas, pesquisadores e instituições culturais. Felizmente, pesquisas e trabalhos como o de Juliana Jardel contribuem para a preservação e valorização de sua obra, colaborando para sua memória e legado no campo da dança.

Dayana, Rafaela e Juliana, por meio de suas pesquisas e práticas como artistas negras/os da dança, desenvolvidas no âmbito do PPGPC, desempenham um papel crucial na visibilização e valorização das Performances Negras, com ênfase na dança cênica. Seus trabalhos não apenas contribuem para o debate acadêmico, mas também desafiam estruturas de exclusão e invisibilidade históricas, fortalecendo narrativas de pertencimento, identidade e resistência cultural no campo da dança.

Todavia, é importante ressaltar que, embora o reconhecimento da relevância desses trabalhos e o fato de terem sido desenvolvidos no âmbito do PPGPC demonstrem, *a priori*, uma adesão conceitual, isso não invalida os processos de incompreensão, resistência, pouca aceitação e até mesmo manifestações de racismo que essas pesquisas e pesquisadoras possam ter enfrentado dentro do próprio Programa. Reconhecer e divulgar a existência de pesquisas desse tipo não deve ser confundido com a defesa de uma suposta democracia racial no Programa; ao contrário, evidencia que se trata de um campo de disputa, no qual podem ser registrados avanços, mesmo em meio a desafios estruturais.

Entre os trabalhos selecionados, observa-se que, além da dança no âmbito das Artes da Cena, as performances tradicionais também constituíram foco de estudo. É o caso do trabalho desenvolvido por Eliene Nunes Macedo, que, durante o mestrado, investigou a dança dos congos na cidade de Goiás. Manifestação tradicional da antiga capital goiana, a dança dos congos é defendida pela autora

como uma performance afro-brasileira presente desde a primeira metade do século XVIII, caracterizada pela dramatização da luta entre mouros e cristãos. Trata-se de uma dança dramática protagonizada por afrodescendentes de baixa renda que, apesar de sua simplicidade, afirmam suas existências no Centro Histórico da cidade — reconhecido como Patrimônio Cultural Mundial pela UNESCO em dezembro de 2001.

Em meio à sua pesquisa de mestrado, Eliene Nunes identificou que outras Performances Negras disputam e, em certa medida, destoam do discurso patrimonial da cidade. A partir dessa percepção, nasceu seu projeto de doutorado, que resultou na tese desenvolvida com três grupos de Performances Negras da cidade: a Banda de Congo, já estudada durante o mestrado; o Afoxé Ayó Delê; e o Bloco Pilão de Prata. Esses grupos incorporam, da Bahia, a manifestação cultural do afoxé e, a partir de seus vínculos com o candomblé, saem às ruas da histórica e cristã cidade de Goiás, performatizando a negritude.

Na análise da autora, o Congo, o Bloco Pilão de Prata e o Afoxé Ayó Delê, mesmo com suas distinções, atribuem novos sentidos e significados às práticas culturais da cidade, ao evidenciar o acervo de manifestações afro-brasileiras que, por meio do corpo e da presença, provocam efeitos performativos. Tanto a performance em si quanto os agenciamentos necessários para sua realização constituem um processo que navega na contramão da colonialidade, subvertendo hierarquias e invisibilizações históricas.

O trabalho de Eliene chama atenção para a presença negra no estado de Goiás, tema de relevância central, especialmente diante dos recorrentes processos de apagamento cultural e social que marcam a história regional. Sua pesquisa evidencia como as Performances Negras não apenas resistem à invisibilidade, mas também reconfiguram o espaço urbano e simbólico da cidade, reafirmando a importância da cultura afro-brasileira na construção da memória e das identidades locais.

As Performances Negras tradicionais, além de serem foco de pesquisas de cunho etnográfico, como a de Eliene, também são suporte para o desenvolvimento de pensamentos e práticas para as artes da cena. Esse é o caso do trabalho desenvolvido pela atriz Jordana Dolores Peixoto em sua dissertação de mestrado *Poéticas e saberes da capoeira Angola: caminhos para pensar a performance negra de atrizes e atores narradores*, defendida em 2021. Nesse trabalho, a pesquisadora, a partir de sua experiência com a capoeira angola, discute as contribuições que essa performance tradicional pode oferecer às artes cênicas para se pensar performance negra.

Assim, a partir da noção de corpo limiar (Silva, 2010), Jordana Peixoto observa a performance do/a capoeirista, dentro e fora da roda de capoeira, dando ênfase à oralidade de mestres e mestras dessa prática como dispositivo para processos de criação e formação de atrizes/atores narradores. O foco da escrita da tese está no que a artista chama de performance negra narrativa. Para essa análise, a

pesquisadora aciona a arte de contar a história *Dikeledi e as voltas que o mundo dá*, de sua própria autoria.

Com esse trabalho, Jordana Peixoto venceu o prêmio Visibilidade em Performances Culturais, edital lançado pelo PPGPC em parceria com o Centro Editorial e Gráfico da UFG, para publicação de e-books de dissertações e teses defendidas no Programa. No momento desta escrita, Jordana Peixoto é estudante de doutorado no PPGACT e dedica-se a problematizar e fazer teatro em uma perspectiva afrocentrada, a partir dos usos e simbolismos do berimbau e de outros arcos musicais africanos, da performance de seus/suas tocadores/as, suas práticas e criações artísticas, no Brasil e em Moçambique.

Vale mencionar que Jordana realizou, entre novembro de 2024 e abril de 2025, um doutorado sanduíche na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique, por meio do Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento da CAPES, em projeto coordenado por uma de nós, autoras. O projeto *Africanidades Brasileiras e Poéticas Afroameríndias: uma ponte entre Brasil e Moçambique*, do qual o PPGACT participa, tem entre seus objetivos viabilizar o debate sobre Performances Negras em diálogo direto com o território africano.

Também oriunda de formação no teatro, como Jordana Peixoto, Jack Leal dedica-se ao estudo de uma performance negra — o candomblé. Todavia, assim como Rafaela Francisco e Dayana Gomes, utiliza a trajetória como plataforma de reflexão sobre Performances Negras. Mulher preta e trans, Jack Leal desenvolve a tese *Performances da macumba: memória e identidade no candomblé*, com o objetivo de trazer à luz a trajetória do babalorixá brasileiro Joãozinho da Goméia (1914–1971) e fundamentar a argumentação de que se trata de Performances da Macumba. Por meio dessa pesquisa, busca fortalecer o diálogo sobre memória, identidade e a centralidade das práticas afro-brasileiras na cena cultural e religiosa.

Joãozinho da Goméia (João Alves Torres Filho), natural de Inhambupe, Bahia, foi um dos mais importantes babalorixás do Brasil. Iniciado no candomblé ainda adolescente, no terreiro de Jubiabá, destacou-se por sua profunda ligação com as tradições afro-brasileiras da nação Angola. Mais do que preservar rituais e cânticos, Joãozinho transformou-os em performances artísticas que extrapolaram o contexto religioso.

Além de sua liderança religiosa, atuou como dançarino, coreógrafo, figurinista e agitador cultural, participando de carnavais e eventos que ampliaram a visibilidade das práticas afro-brasileiras e combateram estigmas associados às religiões de matriz africana.

Em uma ação colaborativa entre os estudos em Performances Culturais e a reflexão sobre o candomblé, a tese em construção de Jack Leal busca contribuir para a conscientização social e a valorização dos saberes das religiões de matriz africana. Ao mobilizar a perspectiva de afrocentricidade, conforme proposta por Molefi Kete Asante (2009), que oferece um olhar crítico e afirmativo sobre as experiências africanas e afrodescendentes, a pesquisa examina as múltiplas camadas

de significado presentes nas práticas candomblecistas, abrangendo dimensões linguísticas, sociais e culturais, sem ignorar as questões de performance de gênero que impactam Jack e também o próprio Joãozinho da Goméia.

Dayana, Rafaela, Juliana, Eliene, Jordana e Jack são mulheres negras que utilizam a dança e o teatro como espaços de atuação profissional e, a partir do PPGPC, engajam-se na produção de conhecimento em Performances Negras, seja utilizando diretamente essa denominação ou não, produzindo, performando e refletindo a partir dessas práticas. O impacto de suas pesquisas transcende o enfrentamento ao racismo epistemológico, extrapolando o espaço acadêmico e reverberando em salas de aula e cenas artísticas. Dessa forma, contribuem para uma educação sensível e antirracista, além de fortalecer a construção de imaginários nos quais pessoas negras ocupam posições de protagonismo cultural e social.

Considerações

Atualmente, a UFG conta com um programa disciplinar em Artes da Cena que cumpre o papel de oferecer uma formação específica na área e de articular os cursos de Teatro e Dança, originalmente vinculados a unidades de ensino distintas. Todavia, é relevante ressaltar o pioneirismo do PPGPC e a maneira como artistas encontraram nesse Programa espaço e condições para desenvolver suas pesquisas. Além disso, é fundamental destacar o valor do campo das Performances Culturais para as artes e para os/as artistas, especialmente considerando seu caráter interdisciplinar, que faz parte da gênese das artes, sobretudo no contexto acadêmico.

Este texto, escrito por uma mulher descendente afro-indígena de pele par-da, mestre em Performances Culturais, artista e educadora da Dança — integrante da primeira turma a ingressar no Programa e proponente do GEPPCA —, e por duas mulheres negras, docentes permanentes do Programa, acerca do trabalho, da presença e da trajetória de outras seis mulheres negras, cumpre o objetivo de não deixar nossas histórias invisíveis. Trata-se de um gesto de memória e afirmação que reconhece a centralidade das experiências de mulheres negras na construção do campo das Performances Culturais, reforçando a necessidade de visibilizar trajetórias, preservar saberes e inspirar futuras gerações. Ao documentar essas vivências, reafirmamos que o conhecimento produzido por e sobre mulheres negras não apenas enriquece a academia, mas também contribui para a transformação social, política e cultural, tornando evidente que nossas vozes, corpos e gestos são parte inseparável do presente das Performances Culturais.

Novamente, é preciso afirmar que reconhecer nossas presenças e produções não significa ignorar os desafios enfrentados por docentes e discentes negras, tanto no Programa quanto nas universidades de modo geral. Trata-se de reconhecer que, apesar das barreiras estruturais, do racismo institucional e das resistências cotidianas, essas mulheres continuam a produzir conhecimen-

to, afirmar identidades e transformar espaços acadêmicos e artísticos. Valorizar essas trajetórias é, portanto, um ato de resistência e visibilidade, que evidencia a necessidade de políticas institucionais mais inclusivas, práticas pedagógicas antirracistas e a ampliação de espaços de protagonismo para pessoas negras. Ao mesmo tempo, reforça-se a ideia de que as Performances Culturais e as Performances Negras não são apenas objeto de estudo, mas instrumentos de transformação social e cultural, capazes de interpelar normas, desestabilizar invisibilidades e reconfigurar imaginários.

É no escopo dessas reflexões sobre Performances Culturais que encontramos, na dança — para novamente estabelecer diálogo com Martins (2021) —, a compreensão de que quem dança estabelece um diálogo constitutivo com a música, produzindo sentidos que emergem da relação entre corpo, ritmo, memória e experiência.

Parafraseando essa concepção da dança, entendemos que também as Performances Culturais ouvem e sentem as batidas da música — e por que não da vida? — e vão criando visualizações da mesma, em um movimento de consolidação vivo, pulsante, definitivo.

A presente escrita configura-se, assim, como um gesto performativo — um gesto-manifesto que busca colocar a negritude como elemento constitutivo do campo das Performances Culturais. Um dos grandes estímulos à produção de conhecimento contemporâneo é precisamente a provocação de debates críticos nesse campo.

Do ponto de vista acadêmico, articular Performances Culturais ao gesto humano capaz de reorientar caminhos, restabelecer direitos usurpados e corrigir déficits históricos constitui um esforço significativo, evidenciando a potência transformadora da pesquisa e da prática artística. A orientação central das Performances Culturais, incluindo as Performances Negras, é promover aproximações e assegurar pluralidade: não existe uma única escrita nem uma única negritude. As Performances Negras se desenvolvem no entre-lugar diaspórico, atravessadas por múltiplas histórias e trajetórias. Essas construções nos colocam em um ponto de avanço das investigações sobre os movimentos da vida, suspendendo normatividades e abrindo espaço para novos modos de saber e perceber.

Importa lembrar o caráter interdisciplinar das Performances Culturais e destacar que as marcas mais essenciais da interdisciplinaridade são a ambiguidade, as relações conflituosas e a ausência de linearidade. Unir essas pontas e criar possibilidades no fazer científico mobiliza as Performances Negras enquanto lugar de potência. Lidamos, assim, com uma construção ancorada na corporeidade, em corpos que habitam as margens, corpos-encruzilhadas que devem ser discutidos a partir da interseccionalidade. Mas lidamos também com ancestralidade sankofada, em um entrelaçar de presente, passado e futuro nas mais diversas ordens e direções.

É nesse ínterim que o PPGPC buscou e, oxalá, continuará buscando enquanto PPGACT, construir um tempo-território que reconhece a ancestralidade como potência do pensamento crítico afro-diaspórico. Retomando o pensamento de Martins (2021, p. 42), sustentamos que o tempo-território que marca as Performances Negras é “um tempo que não elide as cronologias, mas que as subverte”; trata-se de um tempo espiral, um tempo de dançar e transformar a própria música. Dançar, que em muitas culturas significa também incorporar, trazer de volta, repetir e atualizar memórias e culturas, revela-se como movimento do corpo em espiral. É uma dança profundamente plural — assim como são as Performances Culturais.

O debate sobre o tempo ultrapassa os limites do pensamento filosófico ocidental e das cronologias tradicionais, pois as temporalidades também se manifestam como gestos — estéticos e políticos — do corpo-tela, da voz, da palavra e da memória ritual, encenando passado, presente e futuro. A partir dessa relação em espiral — desse movimento contínuo e progressivo —, acessamos o tempo daquilo a que nos dedicamos porque acreditamos. Assim, tecemos composições que revisitam e ampliam reflexões, a ponto de afirmarmos, sem receio, que as Performances Culturais e, mais adentro, as Performances Negras, são o hoje, o aqui e o presente: presentificação.

Conforme mencionado anteriormente, embora a mudança de nome implique adequações curriculares e conceituais significativas, é importante destacar que o campo das Performances Culturais não foi alijado do Programa: permanece em uma linha de pesquisa específica e continua mobilizando um número expressivo de docentes — tanto fundadores quanto pesquisadoras e pesquisadores que ingressaram por meio da interlocução interdisciplinar própria do campo. Duas de nós, autoras deste artigo, integram esse grupo, atuando ativamente na formação discente, em grupos de pesquisa e no desenvolvimento de investigações.

Nessa perspectiva, seguimos orientando projetos que pautam as Performances Negras, ministrando disciplinas dedicadas ao tema ou incorporando esse debate às disciplinas obrigatórias, reafirmando sua relevância para o campo. Fazemo-lo na expectativa de que a nova configuração do Programa não represente um enfraquecimento político, conceitual ou institucional desse eixo de pesquisa, mas que, ao contrário, possibilite sua continuidade e fortalecimento nas dinâmicas próprias da relação entre Artes, Culturas e Tecnologias.

Este trabalho teve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 302249/2022-2.

Referências

- ASANTE, M. K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, E. L. **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Ne-gro, 2009.
- DAWSEY, J. C. Schechner, teatro e antropologia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 207-210, 2011.
- EVARISTO, C. A escriturabilidade e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.). **Escriturabilidades**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- JARDEL, J. O. F. **A dança negra de Ismael Ivo**: a antropofagia de si como recurso para fazer dança como arte. 2021. 132 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- JESUS, R. F. **A performance negra de Victoria Santa Cruz e suas reverberações na construção de escriturabilidades e feminismos negros**. 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- MACEDO, E. N. **A dança dos congos da cidade de Goiás**: performances de um grupo afro-brasileiro. 2015. 159 f. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.
- MACEDO, E. N. **Performances afro-brasileiras na cidade de Goiás (GO)**: diálogos patrimoniais. 2021. 334 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- OLIVEIRA, J. A. P. **Rodas e cortejos de aprender e criar**: saberes e fazeres tradicionais na formação de artistas-docentes da cena. 2020. 263 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- PEIXOTO, J. D. **Poéticas e saberes da capoeira Angola**: caminhos para pensar a performance negra de atrizes e atores narradores. 2021. 140 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.
- PEREIRA, D. G. **Memória, corpo e performances**: a dança negra de Mercedes Baptista. 2016. 189 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- SILVA, R. L. **O corpo Limiar e as Encruzilhadas**: a Capoeira Angola e os sambas de umbigada no processo de criação em Dança Brasileira Contemporânea. 2010. 239 f. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2010.
- STRAZZACAPPA, M. O swing do ensino de dança no Brasil: um balanço de quase duas décadas. **Fórum Temático**: Dança na Educação Básica, Salvador, v. 3, n. 1, p. 88-104, 2014.

VIEIRA, K. R. **Os jogos teatrais de Viola Spolin**: uma pedagogia da experiência. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Performance Cultural) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2015.

VIEIRA, K. R. **A solução de problemas como potência prática na performance dos jogos teatrais**: de John Dewey à Viola Spolin. 2020. 214 f. Tese (Doutorado em Performances Culturais) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

Recebido em 10/07/2025

Aprovado em 24/12/2025

Publicado em 28/02/2026